

# Além do currículo, empresas dão valor à criatividade

A técnica já não basta mais: os trabalhadores têm que ter 'massa crítica' para encontrar soluções e enfrentar mudanças

• Falta de preparo e competitividade está longe de ser o problema dos irmãos Raphael e Lia Theophilo, alunos da Escola Corcovado. Com apenas 15 e 16 anos, respectivamente, eles já falam fluentemente o inglês e o alemão, além de serem íntimos da Internet, utilizando dois computadores Pentium, dos mais modernos. Lia, não contente, ainda vai passar um mês na Alemanha se preparando para o exame Abitur, que pode habilitá-la a cursar Medicina mais tarde por lá. Já o irmão preferiu estudar Direito no Brasil, mas o pai, o cirurgião Francisco Theophilo, faz questão de custear uma pós-graduação em direito internacional no exterior.

— São Paulo é a cidade estrangeira que tem mais empresas alemãs. Se ele dominar a legislação do país, terá uma enorme vantagem para se empregar — justifica Theophilo.

## Médico avalia que uma só língua não é mais suficiente

Há dez anos, uma educação como a de Lia e Raphael seria considerada um exagero, um preciosismo até de pais excessivamente preocupados com o futuro. Mas o médico não se ilude: para ele esse é apenas o início da batalha por emprego que os filhos ainda vão ter que enfrentar.

— Uma língua estrangeira hoje não é mais suficiente para diferenciar ninguém. Com a economia aberta, é preciso conhecer a cultura dos nossos parceiros comerciais, senão as negociações fi-

cam muito lentas. E o idioma é a melhor maneira de absorver esse conhecimento — explica.

Mas por que justamente o alemão? A escolha do idioma também seguiu critérios definidos pelos pais:

— Eu morei na Alemanha e valorizo a cultura de lá. Mas a vantagem advém da preponderância econômica do país na Europa e em todo o mundo hoje em dia. Poderia ter escolhido o japonês, mas é muito mais difícil de se assimilar. De toda forma, quem fala japonês não fica um só dia sem emprego no Brasil — aposta.

O aumento das exigências do mercado de trabalho já chama atenção de psicanalistas como Nestor Lima Vaz, professor da Universidade Gama Filho. Ele pondera que, às vezes, tanto investimento financeiro resulta em uma cobrança excessiva por parte dos pais o que, ironicamente, pode levar os filhos a um fracasso profissional.

— Não é só pela quantia investida, nem pela quantidade de cursos que necessariamente alguém vai ser bem sucedido profissionalmente. Às vezes, acontece justamente o contrário. A família investe tanto que acaba forçando a escolha dos filhos. E aí um fracasso se dá, não por incompetência, mas por insatisfação — explica.

As empresas sabem disso e procuram analisar o candidato ao emprego nos mínimos detalhes durante a dinâmica de grupo. O amor pela profissão, além da criatividade e a habilidade para tra-

balhar em equipe são algumas das principais preocupações dos empregadores hoje em dia. A professora Sílvia Vergara, coordenadora da Pós-Graduação em Administração e Recursos Humanos da PUC/Rio, explica que o objetivo das dinâmicas mudou após a globalização.

— Há dez anos, as dinâmicas avaliavam se o candidato tinha um pensamento ordenado e aceitava regras com facilidade. Hoje, todos querem alguém afinado com o trabalho, que saiba como resolver um problema com agilidade — diz.

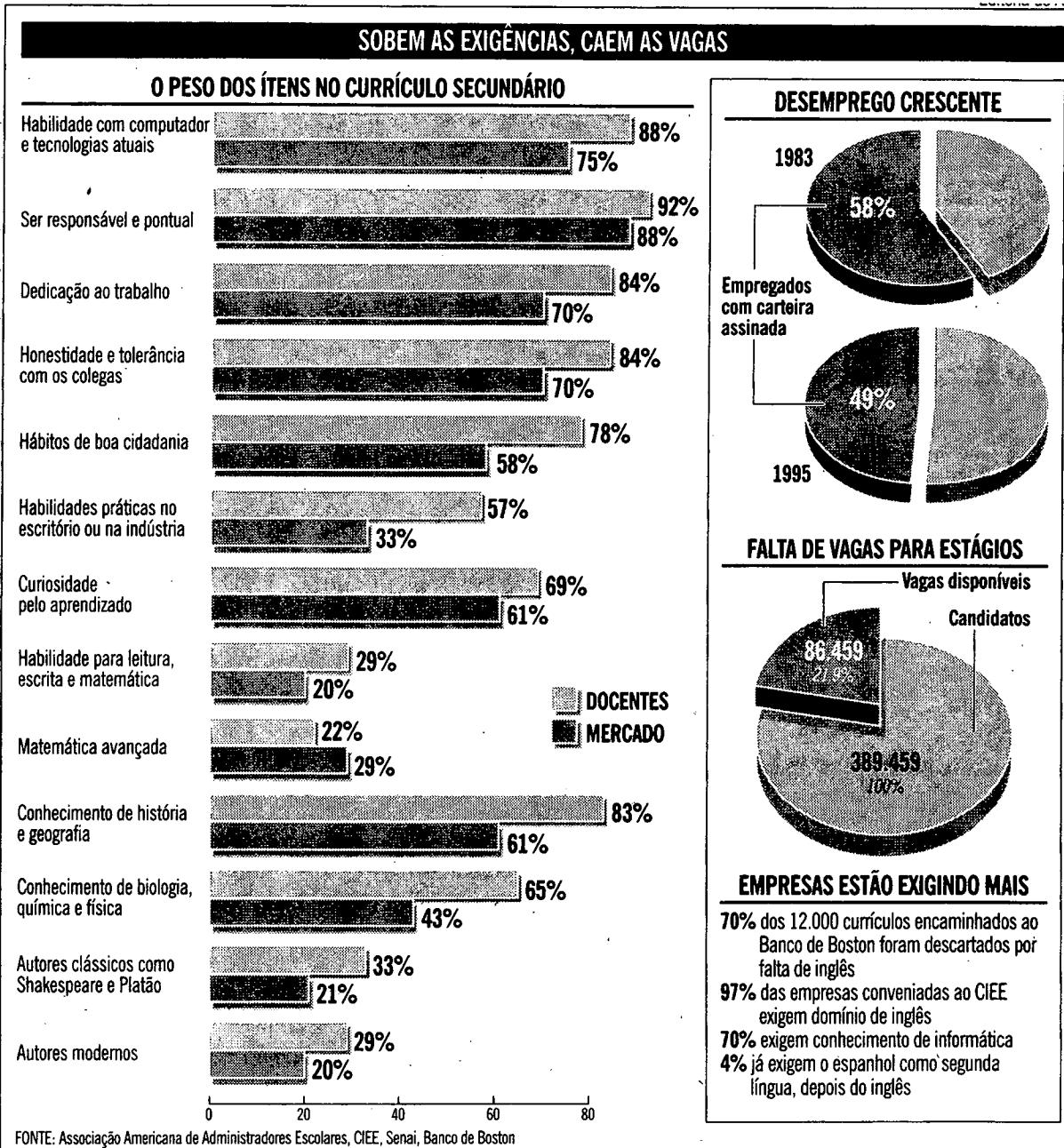
## Novas relações trabalhistas elevam exigência de educação

É justamente para estar apto a resolver um problema sem a autorização expressa do chefe, e do chefe do chefe, como no passado, que os empregados mais do que nunca precisam de educação de alto nível, como explica o coordenador de treinamento da Michelin, José Tarcísio Coelho.

— Antigamente, o controle de qualidade, por exemplo, era feito somente após a fabricação do produto. Hoje cada funcionário responde pelo que produz. É preciso que ele tenha autonomia e capacidade de raciocínio — diz.

Ubiratan Iorio, coordenador da faculdade de Economia do Ibmec, concorda e encerra a questão com um argumento definitivo:

— A maior riqueza dos países não está mais embaixo da terra, no ferro, no ouro, e sim na cabeça das pessoas, na inteligência.



FONTE: Associação Americana de Administradores Escolares, CIEE, Senai, Banco de Boston